

ENTREVISTA

Entrevista com *Simone Meucci*

Entrevista realizada por Cristiano das Neves Bodart⁵⁸

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: Preliminarmente, gostaria que nos apresentasse um pouco da sua trajetória como pesquisadora, professora e autora.

SIMONE MEUCCI: Em 1994, formei-me em Ciências Sociais na UFPR. Durante a graduação, por dois anos, recebi bolsa do *Programa Especial de Treinamento* (na época era como se definia o PET, que hoje, felizmente, tem a definição da sigla alterada para *Programa de Educação Tutorial*). O PET é um programa fantástico, implantado em 1991 no curso de Ciências Sociais da UFPR pela professora Benilde Motim. Ingressei no grupo em 1992 e posso afirmar que foi algo absolutamente decisivo para minha carreira. Atualmente o PET foi expandido e atende numerosos grupos em Universidades Federais de todo o país e vários cursos de graduação. O modelo permanece o mesmo: cada grupo é constituído por 12 alunos bolsistas que têm, ao longo de todo o curso, acompanhamento integral de professores tutores para o desenvolvimento de atividades de ensino e pesquisa (atualmente, também extensão). As sessões semanais de discussão das leituras com colegas do grupo conduzidas pelo(a) tutor(a) possibilitam, a um só tempo, o aprofundamento e o alargamento dos conteúdos tratados na grade curricular. Em 1993, quando eram tutores do PET Ciências Sociais UFPR, os professores Adriano Codato, Ana Luisa Sallas e Pedro Bode de Moraes (jovens recém-ingressos no departamento de Ciências Sociais), houve estudos concentrados na área de Pensamento Social Brasileiro. Lemos e discutimos com profundidade os grandes ensaios de interpretação do Brasil e, naquela ocasião, aproximei-me, já com grande interesse, do tema que mais tarde viria a ser a minha área de concentração.

Logo após a conclusão da graduação, permaneci em Curitiba. Durante dois anos, ocupei a função de ‘professora substituta’ no departamento de Ciências Sociais da UFPR. Minha primeira experiência na docência ocorreu ali, entre as mesmas paredes, tendo meus professores como colegas e, por vezes, meus colegas como alunos. Foi uma oportunidade maravilhosa, mas nada fácil, uma espécie de batismo de fogo. Eu ministrei aulas para o curso de Ciências Sociais, mas também para Economia, Comunicação Social, Arquitetura, Contabilidade e Enfermagem. Apesar da falta de jeito e da falta de clareza acerca do meu futuro profissional, fui, pouco a pouco, me

⁵⁸ Doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo/USP. Bolsista do CNPq.

interessando pela carreira acadêmica e enxergando o magistério superior como uma possibilidade.

E foi com esta ideia na cabeça que, em 1997, concluído meu contrato com a UFPR, fui morar em Campinas para iniciar o Mestrado em Sociologia na Unicamp, na linha de pesquisa 'Pensamento Social'. Minha intenção inicial era estudar a trajetória do intelectual católico Alceu Amoroso Lima. Tinha um projeto já bem delineado, mas após seis meses de trabalho, durante minhas permanências na biblioteca do IFCH e minhas leituras sobre a sociologia cristã, me interessei pelo estudo dos antigos manuais de sociologia publicados no Brasil. Constatei que eram muito numerosos estes livros, mas não havia nenhuma pesquisa sobre este gênero de publicação. Encontrei em Octavio Ianni (1926-2002) - então professor de teoria sociológica para os calouros do mestrado - apoio para a mudança do tema e do objeto de análise. O trabalho, sob sua orientação, financiado pelo CNPq, resultou numa dissertação defendida em março de 1999. Hoje está publicada em livro sob o título 'Institucionalização da sociologia no Brasil: primeiros manuais e cursos' (São Paulo, Hucitec, 2011) É um levantamento e uma análise dos primeiros compêndios da disciplina sociológica produzidos no Brasil. Procuo demonstrar como estes livros e seus autores 'periféricos' são fontes preciosas em cujas páginas estão documentadas as expectativas originais que levaram à institucionalização da Sociologia no país. É uma reflexão sociológica sobre as condições de constituição de uma nova área de conhecimento, seus agentes e interesses.

Voltei à Curitiba no início de 1999 e, imediatamente, iniciei uma nova experiência no magistério superior, desta vez nas faculdades particulares. Neste período, ocorria a expansão das faculdades privadas e não faltava emprego, pois havia grande oferta de disciplinas de sociologia para cursos de outras áreas. Turismo, Administração de Empresas, Publicidade e Propaganda, Marketing, Relações Internacionais, Jornalismo, Secretariado Executivo, Informática, Arquitetura e Ciência Política: estes foram os cursos em que ministrei aulas de Sociologia nesta época. Senti dificuldades. Foi um impacto muito grande encontrar um modelo de ensino superior tão distinto daquele em que me formara. Os alunos eram também diferentes dos colegas e amigos com quem eu convivia: alguns jovens com uma visão colegial do ensino e da vida; outros mais velhos, muito experientes, mas que pareciam desinteressados pelo tipo de conhecimento que eu era capaz de oferecer. Adaptar-me àquela realidade foi um novo batismo. Persisti e, ainda que insegura e com grandes dificuldades, a cada semana, em cada turma, eu tentava de um modo novo demonstrar os nexos entre a reflexão sociológica e a atividade profissional que pretendiam exercer. Desconstruía e reconstruía o conhecimento sociológico de uma maneira diferente a cada tentativa e assim também me redescobria. Foram três anos de experiência em faculdades com perfis institucionais também muito distintos. Posso dizer que este período foi importantíssimo para, a despeito dos meus pequenos fracassos, ser reconhecida e, principalmente, me reconhecer como uma professora.

Ali, no ensino privado, abracei a carreira acadêmica.

Em 2002, regressei a Campinas para concluir minha formação geral. Iniciei o Doutorado em Ciências Sociais (depois transferei para o de Sociologia) na mesma linha do mestrado: Pensamento Social. A professora Elide Rugai Bastos - uma das mais importantes especialistas em Gilberto Freyre - me orientou numa pesquisa sobre o autor. Tomei o livro *Sociologia: uma introdução aos seus princípios*, um compêndio publicado em 1945 que eu já havia identificado nos estudos do mestrado, como ponto central para uma análise das condições de produção e recepção das ideias sociológicas de Gilberto Freyre. A história da elaboração do livro de Freyre me levou à descoberta de seus manuscritos de aula na Escola Normal de Pernambuco (1929 e 1930) e na Universidade do Distrito Federal (1935 a 1937). Ao passo que as alterações da segunda edição do livro e o levantamento da sua fortuna crítica arremessaram-me para os debates sociológicos do final dos anos de 1950. Nesse sentido, tive que percorrer um grande período: dos anos de 1920 a 1950, para compreender desde os primeiros anos da arteficialidade das suas ideias sociológicas. Foi uma pesquisa fascinante, trabalhosa, onde tive a oportunidade de trabalhar em alguns dos principais arquivos públicos e privados do país, desenvolver técnicas de cotejamento de fontes (trabalhando simultaneamente com documentos oficiais, artigos de jornal e correspondências pessoais). Este trabalho foi possível graças ao financiamento da Fapesp. Como resultado, posso dizer que pude trazer à tona aspectos novos da trajetória intelectual de Gilberto Freyre, bem como identifiquei, passo a passo, as mudanças no debate sociológico no Brasil entre os anos de 1930 e 1950.

Concluí o doutorado em 2006 e, em 2007 voltei à Curitiba a convite de uma das instituições onde já havia sido professora. Encontrei uma nova realidade no ensino superior privado que estava muito distante daquele clima de euforia do início dos anos 2000. Houve o encolhimento do mercado de ensino superior e as faculdades, quando não estavam enxugando seus quadros docentes, estavam pressionando seus funcionários para criação de novos 'produtos' e realizando avaliações institucionais severas. Mais uma vez, encontrei algo completamente novo, um ambiente no qual eu me sentia, de início, inadequada. Com paciência, em poucos meses me adaptei. Pouco a pouco compreendi que a autoridade em sala de aula, mesmo em ambientes empresariais de alta pressão sobre o desempenho dos professores, se faz com conteúdo, comunicação clara e objetiva e coerência nos procedimentos. Ali desenvolvi métodos de mediação didática que me permitiram satisfazer, a um só tempo, instituição e alunos. Foi um período interessante, de muita inquietude, procurando alternativas para o bom ensino num contexto que contrastava muito com a minha trajetória de aluna e professora.

Em 2008 fiz concurso para a UFPR e ingressei no ensino superior surpreendida agora

com a expansão das vagas, a ampliação das modalidades de financiamento estudantil e a grande pressão por produtividade científica. Atualmente, ministro aulas na graduação em Ciências Sociais e na pós-graduação em Sociologia. A universidade pública passou por significativas mudanças desde os anos de 1990 e exige que a minha geração repense o modelo da sua formação original, invente novas possibilidades de ensino e extensão, além de criar novas formas de gestão dos recursos e das pesquisas. Há coisas boas e ruins nesta transformação e acredito que seja preciso mais um tempo para avaliar todos os seus efeitos. Estou aprendendo mais uma vez a lidar com estas mudanças, assim como a maioria dos meus colegas que se formou nas mesmas condições.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: Uma de seus temas de interesse é história do ensino da sociologia. Como sua trajetória a fez seguir para este tema? Como avalia a produção nesta temática de estudo no Brasil?

SIMONE MEUCCI: Minha dissertação de mestrado “Institucionalização da sociologia no Brasil: primeiros manuais e cursos” é um exame dos primeiros livros didáticos de sociologia elaborados no Brasil. Apesar de não ter a preocupação de discutir propriamente o método de ensino da sociologia, mas de entender o processo de constituição do novo campo de conhecimento, a repercussão do meu trabalho foi muito grande entre os interessados em discutir a sociologia escolar. Era um período oportuno para isso, uma vez que, entre os anos de 2000 e 2001, foram reunidos esforços decisivos para a institucionalização da sociologia no Ensino Médio brasileiro.

Tenho a hipótese de que meu trabalho se constituiu rapidamente como referência devido a escassez de trabalhos que ajudassem a compreender a história e os sentidos da sociologia no meio escolar brasileiro. Uma das minhas contribuições no mestrado foi exatamente demonstrar que a introdução da sociologia escolar precedeu a sua introdução no meio acadêmico. Há na origem da sociologia no Brasil, uma parceria com a educação, era um acordo para uma reforma social protagonizada pela elite. Sociologia escolar neste período tinha conteúdo cívico, civilizatório, higienista. No doutorado, em tese intitulada “Gilberto Freyre e a sociologia no Brasil” prossegui o interesse pela constituição da sociologia no Brasil, agora investigando o papel de Gilberto desde sua experiência, em 1929, como professor de sociologia na Escola Normal de Pernambuco até os anos de 1950. Atualmente as pesquisas sobre a história da sociologia, do ponto de vista da sua institucionalização escolar, são ainda escassas. De qualquer modo, há um paulatino crescimento sustentado por programas de pós-graduação (no campo das Ciências Sociais ou da Educação) que se interessam pelos sentidos e significados mais remotos ou recentes

da disciplina, além de discutir sobre suas condições de ensino atuais. Destaco sobretudo o trabalho de orientação dos professores Ileizi Fiorelli, na Universidade Estadual de Londrina, e Amaury de Moraes, na Universidade de São Paulo. Creio que ambos têm constituído grupos de pesquisa responsáveis por parte significativa da produção nesta área. Além disso, acredito que a escassez de pesquisas neste tema tende ao fim também devido aos trabalhos sendo realizados em todo o país pelo Programa Institucional de Apoio à Docência, que financia grupos de professores e licenciandos em todo o país. Sou bastante otimista nesse sentido. No que tange aos estudos da história do ensino da sociologia, eu acredito que um dos grandes desafios será compreender as diversas experiências de ensino da sociologia ao longo do século XX no Brasil. Isso implica em deslocar o foco do eixo Rio-São Paulo e chafurdar os arquivos para observar como a sociologia foi ensinada nas escolas normais em Florianópolis, Sergipe ou Salvador, por exemplo. Há, ainda, o desafio de compreender os nexos entre o conteúdo da sociologia e o regime autoritário do Estado Novo.

A sociologia escolar no Brasil nasceu sob a crise da I República, um período de crítica ao acordo federativo da Constituição de 1891, e foi ‘nacionalizada’ durante os anos de 1931 e 1942, parte do período sob a ditadura do Estado Novo. Neste período, nunca foi uma disciplina escolar comprometida com os valores do igualitarismo e da democracia. Por isso, creio que ainda que tenha saído do currículo das escolas de ensino médio em 1942, o mesmo conteúdo reapareceu sob outras rubricas entre as quais, Estudos Sociais, Moral e Cívica, Estudos dos Problemas Brasileiros. É preciso ainda pesquisa para comprovar ou refutar esta hipótese, mas se eu estiver correta, temos agora uma experiência absolutamente inédita que desde os anos de 1980 associa o ensino da sociologia ao aprendizado da cidadania, ao preparo para uma cultura democrática (ainda que não haja muita clareza sobre o que é este “ensino para cidadania”). Nesse sentido, há um rompimento com a trajetória histórica da disciplina. De outro lado, há certas continuidades na medida em que hoje aparece como uma disciplina normativa e menos como uma disciplina radicalmente reflexiva. Por fim, creio que devemos iniciar estudos sobre a experiência do ensino da sociologia em diferentes países. Estes estudos comparativos podem talvez nos ajudar a compreender dificuldades e possibilidades invariáveis e pode, por isso, auxiliar a colocar em novos termos a singularidade de nossos desafios.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: Muitos apontam que a Sociologia tem um papel relevante no ensino, sobretudo no Ensino Médio, para a formação cidadã. Qual sua opinião a respeito?

SIMONE MEUCCI: Esta expectativa de formação para cidadania está presente no próprio texto da LDB, exatamente na passagem que fundamentou a luta pela obrigatoriedade da Sociologia e Filosofia no Ensino Médio. É um argumento que tem relação com a democratização, com a ideia da constituição da sociedade democrática como um processo que exige a arteficialidade de um novo sujeito capaz de portar certos valores democráticos. Confesso que hoje esta me parece quase uma expressão mântica que, de tão naturalizada, impede que façamos a pergunta fundamental: o que é cidadania? Rigorosamente, é um valor e um fenômeno social e uma das lições da sociologia talvez fosse discutir isso. No entanto, não se faz a problematização sociológica da noção de cidadania nas aulas de sociologia. A meu ver, por vezes a noção de cidadania das aulas de sociologia dos anos 2010 é tão prescritiva como a noção de civismo dos anos de 1930. Aliás, há um trabalho de um orientando meu exatamente sobre este tema. O autor é Luiz Fernando Moraes e chama-se *Da sociologia cidadã à cidadania sociológica* e está disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Sociologia/dissertacoes/moraes.pdf. Do meu ponto de vista, a sociologia é uma ciência e como tal, deve ser levada em sua radicalidade para a escola, propondo a crítica e a inteligibilidade dos comportamentos, sentimentos e pensamentos. Não é uma disciplina onde os alunos devam tão simplesmente expor, compartilhar ou confrontar opiniões. É mais do que isto: é o lugar da desconstrução das opiniões; um processo resultante de um novo olhar que surge a partir de novos nexos entre fenômenos isolados, da formulação de novas indagações e do desenvolvimento de métodos introdutórios de pesquisa. Só desta maneira compreendo a efetiva possibilidade de contribuição da sociologia para a formação de jovens e adultos autônomos capazes de contribuir para o debate social e decidir conscientemente e inteligentemente sobre a vida. Mas esta radicalidade é difícil e em alguns temas como, por exemplo, religião e gênero é algo quase impeditivo em muitas escolas e contextos. No entanto, creio que é possível fazer algo e precisamos nos esforçar para isso.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: Como avalia os atuais livros didáticos de Sociologia?

SIMONE MEUCCI: Há bons livros mas esta infelizmente não é a regra. Antes de criticá-los, no entanto, é preciso dizer que o livro didático é resultado de uma elaboração muito difícil: é um artefato cultural que dialoga (lançando mão de um repertório numeroso de recursos), tanto com aquele que aprende como com aquele que ensina. Além disso, a mediação didática é algo muito desafiador: transpor conhecimentos acadêmicos e científicos para o ambiente escolar através de um texto simples e acessível é algo muito sofisticado! Há conceitos e fenômenos complexos cuja descrição para fins didáticos torna-os muito simplórios. Isso é de difícil solução.

Esta dificuldade inescapável é ainda agravada pela dinâmica das editoras que limita o tempo e os recursos do autor. Precisamos também reconhecer que, na sociologia, não temos uma experiência acumulada que facilitaria o desenvolvimento de soluções e técnicas para calibrar a mediação didática. Incrivelmente, dos anos de 1930 até os anos de 1970 os mesmos livros e autores circulavam no Brasil. Nos anos de 1980 surgiu uma pequena nova safra e apenas agora, há pouco mais de sete ou oito anos, temos um aumento e uma substantiva diversificação na produção de livros didáticos de sociologia, com gêneros diversos que se inspiram em abordagens também diferentes.

Nesse sentido, de modo geral, considerando estas dificuldades todas, os livros de sociologia produzidos no Brasil têm conteúdo fraco, sofrem de nominalismo (quando se dedicam tão simplesmente à nomear fenômenos com conceitos sociológicos) e aproveitam pouco o conteúdo da ciência política e da antropologia. Frequentemente, os livros reivindicam o exercício da cidadania sem sequer demonstrar os meandros de um processo decisório no nível municipal, por exemplo. Aconselham respeito à diversidade sem ao menos propor um deslocamento cultural por meio de fragmentos de textos etnográficos. Creio que temos hoje, portanto, que enfrentar o desafio de incorporar conteúdos clássicos e atuais a partir de novas abordagens didáticas a fim de demonstrar com melhor êxito para o aluno a trama institucional e simbólica na qual a nossa vida está emaranhada. Não é possível, portanto, dissociar a dimensão social, política e cultural dos fenômenos e é preciso esforço para isso através de consulta a novos autores de referência. Precisamos também, a meu ver, de mais incentivo à pesquisa sociológica no Ensino Médio com a apresentação de algumas técnicas de sondagem: como entrevistas, questionários, grupos focais, etc. Isso certamente seria do interesse dos alunos e traria efetiva contribuição para que não apenas reconhecessem a particularidade da abordagem sociológica, mas também para que fossem capazes de discutir e avaliar de modo mais sistemático grande parte dos dados sobre a vida social que circulam nos meios de comunicação. Seria essa a possibilidade de formulação de uma nova consciência científica da sociedade com efeitos importantes para o debate social no Brasil.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: *Professora Simone Meucci, agradeço, em nome do conselho editorial e dos leitores da “Revista Café com Sociologia” pela rica entrevista.*